

Jackie Kay a acendedora de lampiões

Organização

SÍLVIA MARIA GUERRA ANASTÁCIO



A ACENDE DORA
DE LAMP IÕES

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

João Carlos Salles Pires da Silva

Vice-Reitor

Paulo Cesar Miguez de Oliveira

Assessor do Reitor

Paulo Costa Lima



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Flávia Goulart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Álves da Costa

Charbel Niño El Hani

Cleise Furtado Mendes

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

José Teixeira Cavalcante Filho

Maria do Carmo Soares Freitas

Maria Vidal de Negreiros Camargo

Patrocínio:

Desenbahia

Agência de Fomento do
Estado da Bahia S.A.



Apoio:



Jackie Kay *a acendedora
de lampiões*

Organização

SÍLVIA MARIA GUERRA ANASTÁCIO

Salvador | Edufba | 2015

Tradução autorizada da edição em língua inglesa, intitulada *The lamplighter*, de Jackie Kay, publicada pela Bloodaxe Books, sob o copyright © 2008 Bloodaxe Books. A edição em língua portuguesa é publicada pela Editora da Universidade Federal da Bahia, 2015. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de nenhuma forma e por nenhum meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de recuperação de armazenagem de informação sem a permissão da Bloodaxe Books.

Direitos para esta edição cedidos por Bloodaxe Books a Sílvia Anastácio. Feito o depósito legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto gráfico
Alana Gonçalves de Carvalho Martins

Capa e editoração
Ruan Santos

Revisão
Sílvia Maria Guerra Anastácio, Susie Santos, Magel Castilho de Carvalho

Sistema de Bibliotecas - UFBA

Kay, Jackie.

A acenedora de lampiões / Jackie Kay ; tradução : Raquel Borges Dias, Carla Cristiane Cruz Souza, Luana Lise Carmo da Solidade ; organização, Sílvia Maria Guerra Anastácio. - Salvador : EDUFBA, 2015. 78 p. + 1 CD-ROM (Audiolivro)

Tradução de: *The lamplighter*.
ISBN 978-85-232-1309-1

1. Teatro inglês. 2. Comerciantes de escravos. I. Anastácio, Sílvia Maria Guerra. II. Título.

CDD - 822

Editora filiada à



Edufba

Rua Barão de Jeremoabo, s/n - Campus de Ondina
40170-115 - Salvador - Bahia

Tel.: +55 71 3283-6164 | Fax: +55 71 3283-6160
www.edufba.ufba.br | edufba@ufba.br

Apresentação

O audiolivro *A Acendedora de Lampiões* consiste na tradução da obra *The Lamplighter* (2008) da autora escocesa Jackie Kay para o português, que foi adaptada e gravada em audiolivro. Trata-se de uma peça radiofônica que retrata, do ponto de vista de personagens femininas, a época da colonização e da escravização de povos africanos pelos ingleses. A peça radiofônica foi traduzida por pesquisadores do Grupo de Pesquisa Tradução, Processo de Criação e Mídias Sonoras (PRO.SOM) coordenado pela Prof.^a Dr.^a Sílvia Maria Guerra Anastácio. O Projeto tem como objetivo enriquecer o mercado de mídias sonoras com audiolivros produzidos a partir da publicação de obras literárias traduzidas de línguas estrangeiras para o português. Assim, o presente audiolivro está acessível em diversos formatos: além da versão impressa, apresentamos uma

versão gravada interpretada por atores e uma versão MECDaisy, leitura branca preparada especialmente para deficientes visuais.

A acendedora de lampiões

De Jackie Kay

Personagens

Anniwaa, Acenedora de
Lampiões, Macbean, Mary,
Negra Harriot, Constance

Época

Séculos XVIII e XIX

Local

Reino Unido

Cena 01: **Interior de uma fortaleza**

Barulho do mar batendo contra as paredes do Castelo de Cape Coast.

Anniwaa: Sou uma menina. Estou no escuro. Não sei por quanto tempo estão me mantendo no escuro. Aqui em cima tem uma pequena fresta de luz. Da última vez que contei, eu tinha onze, quase doze anos. Sou uma menina. Da última vez que vi minha mãe, eu estava carregando uma vasilha d'água na cabeça. A água estava derramando em minha roupa. Minha mãe batia palmas e ria de mim. Tenho medo do escuro. Não sei onde estou. Nem mesmo sei por que estou aqui.

Era uma vez uma menina, que morava em uma casa com o telhado em forma de cone, na grande aldeia. A menina era eu. Minha mãe plantava quiabo e abóbora no quintal. Meu pai esculpia madeiras e metais.

No passado, costumavam cuidar do meu cabelo. “Lindo”, dizia mamãe, “cheio de cachinhos”. Meu irmão e eu brincávamos e ríamos. Meu irmão diz que minha risada é engraçada e que o faz rir.

De repente, alguns homens aparecem e nos levam. Eu conheço essas pessoas. Elas têm um olhar sombrio. Eu esperneio e grito e berro. Furiosamente! Eles nos enxotam floresta afora. Empurrando e gritando. “Mexam-se! Mexam-se!” Batendo na gente. Seguro em meu irmão, meu irmão se segura em mim. Somos arrastados pela floresta durante muitos dias e noites e dias. Por muito, muito tempo. Estou cansada e me sinto pesada como um elefante. Grito bem alto, para que minha mãe escute. Grito bem alto, para que meu pai me veja.

Um dia, chegamos aqui. Um lugar maior que o palácio do Chefe Supremo. Alguns chamam de palácio, de fortaleza, de fábrica, de prisão, masmorra. Eles levam meu irmão embora. Tento alcançá-lo, mas não consigo. As lágrimas secam dentro de mim. Minha boca e meus lábios secam. Minha língua gruda no céu da boca. Depois disso, paro de falar. As palavras secam em meus lábios.

Fora daqui, onde estou presa e mantida como um animal tem um som que nunca ouvi antes. Batidas e ruídos abafados. Dizem que é o mar. Acho que é um monstro selvagem. (*confissão*) Acho que está vindo atrás de mim.

Cena 02: Notícias da navegação

Efeito sonoro: *Tentativa de sintonizar numa rádio, com muito chiado.*

Ouve-se uma voz transmitindo a previsão do tempo, que será interrompida pelas vozes de quatro mulheres negras. Essas mulheres compõem um coro, que aparece ao longo da peça. Ao fundo, há o ruído estrondoso do grande Oceano Atlântico.

Macbean: Sábado, 11 de agosto de 1707. O tempo estava fechado em Liverpool. Temporais entre o sul e o oeste. “Mau tempo”, disse o capitão do navio. A violenta aurora boreal voou em torno de nós com uma velocidade incomum. O navio Dorothy chegou a Barbados em junho de 1709. Cem escravos sobrevivem. Mudança de vento em sentido horário Norte-Oeste, escala 6 a 8. Forte temporal, escala 9.

O Duque de Argyll chegou a Londres. Oitenta escravos sobrevivem. A lua aquela noite estava encoberta.

Constance: (*repetindo para si mesma*) A lua estava encoberta.

Macbean: O navio Anápolis chegou a Londres. Menos de um terço dos escravos sobreviveu. Diário do Capitão: 23 de maio de 1709. Um escravo enterrado: (*sussurrando: Qual escravo?*) nº 84. Quarta, 29 de maio. Um menino escravo enterrado: (*sussurrando: Qual escravo?*) nº 86, por causa da disenteria. “Ainda mau tempo”, disse o Capitão.

Negra Harriot: Tempo horrível!

Macbean: Pancadas de chuva moderadas ou violentas. Quinta, 13 de julho de 1709. Uma escrava enterrada, (*sussurrando: Qual escrava?*) nº 47.

Negra Harriot: Entrando no Atlântico, que lamenta e geme. Entrando na sepultura aberta em mares verdes. Outro corpo entrando nas águas agitadas. Outra onda negra e espessa entrando nas ondas duras daquele mar negro. Entrando nas águas turbulentas um outro corpo.

Mary: Se você quer aprender a rezar, vá para o mar.

Cena 03: No interior do forte

Barulho do mar.

Anniwaa: Está cheirando mal aqui embaixo. Tão mal que eu preferia nem ter que respirar.

Às vezes, umas pessoas estranhas vêm aqui embaixo. A pele delas é rosada. Elas olham através de mim como se não conseguissem me ver. As mulheres estão gemendo, mas elas não conseguem nos ouvir. Os sons que elas emitem com a boca são estranhos. Não sei o que significam.

Quando me jogaram e me prenderam aqui embaixo, estava faminta, tão faminta, que estou vazia por dentro. Agora, eu não quero comer. Não quero comer se não for com minha mãe. Uma mulher aparece aqui, com aquele olhar sombrio, e tenta me dar um pouco de comida. À noite, durmo abrigada

nos braços dela, como um passarinho debaixo de uma asa. Estamos todos apertadinhos apertadinhos aqui embaixo.

Estou diminuindo a cada dia. Sou uma menina que diminui a cada dia. Talvez, logo logo eu fique do tamanho de uma cabra, e depois do tamanho de um inhame, e depois do tamanho de um grilo, e depois eu vou sumir. Talvez comece a crescer ao contrário. Logo, eu vou ter dez anos, depois nove.

Minhas mãos são pequenas e minhas pernas parecem varas. Minha barriga está inchada de um jeito esquisito. Eu consigo me sentir, mas não posso me ver. Eu sinto que eu não sou eu mesma. Quando fico bem assustada, eu tento fazer com que minha mãe venha atrás de mim. Eu fecho os olhos e falo sozinha. (*suplicando*) Por favor! Por favor! Venha me achar, venha me pegar. Por favor!

Eu a vejo na minha cabeça. Ela está no quintal, batendo fufu, um bolinho de inhame. Ela também está fazendo kankei, um bolo de milho enrolado em folhas de bananeira. Primeiro, ela cava a terra para colher inhame. Posso ver minha mãe usando um turbante amarelo. Vejo minha mãe andando pelas árvores, aquelas com as folhas grandes e retorcidas, e pela árvore, com o tronco mais grosso, que é mais

velha que a minha avó (*dá uma risadinha*). Passos largos de gigante vindo me encontrar. Então, de repente, minha mãe desaparece. Eu consigo ouvir o grande monstro rugindo para as paredes espessas do calabouço.

Às vezes, consigo ouvir uma cantiga, uma cantiga estranha.

Quatro vozes femininas cantam uma música, como se estivessem numa capela orando.

Música: *Glória a Deus*

Glória a Deus nas alturas

Paz na terra para os homens

Que comece e nunca cesse

Amém

Anniwaa: Passa um dia e logo vem outro. Vem a escuridão e divide os dias. Fico pensando se vou sair daqui. Fico pensando se vou voltar para casa, se ainda vou ser uma menina quando sair daqui. Uma menina de doze anos. Talvez uma menina de treze anos. Quatorze. Talvez não seja mais uma menina. Talvez uma mulher. Talvez eu fique uma pequena mulher, (*tristeza*) sem minha mãe.

Cena 04: Ela mesma falando

Efeito sonoro: *Som de vento e mar batendo nas pedras.*

A acendedora de lampiões: Ei, você, tenha certeza que essa narrativa não é ficção. Eu não escrevi minhas experiências no intuito de atrair atenção para mim mesma. Ao contrário! Minha descrição fica aquém dos fatos. Não é minha intenção aterrorizar ninguém.

Negra Harriot: Esta história foi escrita por ela mesma.

Mary: É ela mesma falando.

Constance: Eu é. Eu sou. Elas são. Você é. Elas é. Ela é. Vocês são.

Acenedora: Nunca ninguém contou minha história antes. Eu sou aquela que foi capturada e vendida

por oitenta libras, no dia 8 de dezembro de 1792. Forçada a tomar uma embarcação no Salão Acendedor de Lampiões, em Avonmouth, rumo às plantações.

Negra Harriot: Para embarcar num navio e cruzar o mar. Embarcar num navio e ser levada. Para ser transportada pelo mar e pela terra, com estranhos por toda a parte. Mais uma vez, por toda a parte.

Macbean: *(toda a fala é dada como se ele estivesse se recordando)* Eu a vi. As lágrimas escorriam pelo rosto dela como um banho de chuva. O albergue onde ela foi vendida ainda fica na rua da Estação Rodoviária de Shirehampton-Avonmouth, na Inglaterra. Eu vi que ela estava com a boca aberta. Eu vi o olhar perdido em seus olhos cheios de lágrimas.

Constance: A-von-mouth.

Mary: Nós fomos vendidas nos albergues ingleses.

Negra Harriot: Nós fomos vendidas nos Cafés de Bristol. Nós fomos vendidas nos armazéns e nas lojas de Liverpool, nos degraus da entrada da Alfândega, no lado leste do velho cais, nos portos de escravos de Lancaster, Whitehaven, Portsmouth, Plymouth, Dartmouth, Exeter, Glasgow, Chester.

Macbean: Para ser vendida no Leilão na Casa de Café de George, entre as seis e oito horas. Uma garota negra, em bom estado, com cerca de oito anos de idade. Qualquer pessoa disposta a comprá-la pode falar com o capitão Robert Syers, negociante de tecidos, perto do Ponto de Câmbio, onde ela pode ser vista até a hora da venda.

Negra Harriot: Nós fomos vendidas por açúcar no café. Açúcar no chá.

Mary: Nós fomos vendidas por fumo e arroz. Vendidas para fazer as cidades crescerem.

Macbean: Para atender à demanda de emprego... Uma negra saudável para trabalhar na lavoura, com cerca de vinte e um anos de idade, que tem uma criança do sexo feminino de quase três anos de idade, que será vendida com a moça, se assim desejarem.

Constance: Bristol, Londres, Birmingham, Liverpool, Manchester, Glasgow e Edinburgh.

Macbean: Cavalos para serem vendidos na Estalagem Bull and Gate. Uma carruagem muito boa, com bons arreios. Um alazão castrado. Ele segue são e salvo. Uma boa égua cinzenta e um garoto negro bem-humorado, que teve varíola recentemente.

Negra Harriot: Depois que fomos vendidas, eu me lembro, nos fizeram marchar pelo cais pavimentado onde os barqueiros nos encontraram. Os homens com cara de lua cheia.

Constance: Os homens com cara de lua cheia vermelhas do sol. Depois nós éramos levadas no barco a remo até a embarcação que estava à nossa espera.

Efeito sonoro: *Som de vento com som de mar.*

Acendedora: Eu não consigo lhe dizer tudo o que eu perdi. Eu perdi minha família. Eu perdi meu nome. Eu perdi meu país. Eu perdi minha liberdade. Eu perdi peso. Eu perdi meu olfato.

Negra Harriot: Eu perdi minha direção. Eu perdi a fé. *(como deixando um segredo escapar)* Por um tempo!

Constance: Eu perdi minhas palavras. Eu perdi minha língua.

Negra Harriot: Eu perdi meu senso de humor.

Acendedora: À noite... À noite.

Negra Harriot: De manhã.

Mary: Durante o dia.

Acendedora: Vieram os homens com caras vermelhas de sol. Ninguém contou minha história antes. Essa sou eu falando.

Mary: Essa é ela mesma.

Constance: Essa é ela mesma falando.

Acendedora: Eu fui armazenada durante semanas no Mary. O navio rugiu e sacudiu e tudo era verde. Ninguém sabe o que eu passei para chegar até aqui. Só para ficar viva, para ver, ouvir, tocar, saborear, sentir. Ninguém jamais parou e pensou em mim. E eu sobrevivi por um triz. Eu vivi para contar essa história. Eu ainda posso esticar meus braços para trás e ser capaz de tocar esse tempo de novo, cheirá-lo de novo, saboreá-lo de novo. Escravidão. A sensação da escravidão. Eu lembro quando fui comprada e vendida e pesada (*lembrando*), como se fosse ontem.

Negra Harriot: Esta é a história dela mesma.

Mary: Contada sem um freio entre os dentes.

Acendedora: As mortes que eu consegui evitar. As mortes que eu não vivi.

Negra Harriot: As infinitas mortes dentro de nós, as mortes sem saída. As mortes nos calabouços. As mortes no mar. As mortes no navio. As mortes

na nova terra. As mortes amarradas às árvores. Na plantação, as mortes. Nos barracos, as mortes. As mortes nas plantações de fumo, as mortes nas plantações de açúcar. Os corações partidos e mortos. As mortes por amores perdidos e as saudades. As mortes que aconteciam na sua frente. As mortes clandestinas. As mortes do mar. As mortes no mar.

Acenedora: A morte era como um grande navio de aço chamado A Graça de Deus. A morte tinha o gosto de um pássaro ferido, como a liberdade enclausurada.

Mary: E a morte estava em todos nós.

Cena 05: Relembrando a história

Efeito sonoro: *Sons de criança brincando.*

Acenedora: Lembro-me de tempos atrás quando eu brincava com meus amigos no meu próprio país e o tempo passava devagar. (*estacato*) E as árvores eram tão altas. Eu me lembro como o meu irmão e eu tínhamos que ser vigilantes com os sequestradores. E como meu pai era bom em trabalhar e dar forma à madeira e ao metal. Lembro das visitas ao espírito da serpente e como alguns curandeiros podiam realmente curar. Eu lembro como o Rio Crocodilo corria rápido. Eu lembro como o meu irmão corria rápido. Eu lembro de nossa casa com o telhado em forma de cone, como meu irmão e eu pertencíamos à nossa aldeia. Eu lembro dos dias que eu vivi antes de vir para cá, da vida de antes. A vida de antes, a vida que eu vivi, a vida do tempo em que

eu podia respirar, quando eu conseguia sentir os cheiros e provar os sabores. Parece que um outro eu viveu aquela vida abençoada, outra menina escondida no interior do país, longe da costa. Uma menina que nunca na vida tinha visto o mar, uma menina que subia até o topo das árvores. Eu gosto de pensar que ela ainda está lá em cima, quieta e misteriosa. (*constatando*) Uma menina mágica e que nunquinha na vida ouviria essa história. Mas não importava com que rapidez eu fugisse da minha história. Não importava quantos anos se passassem, a história simplesmente continuava indo e vindo, como o movimento do mar em direção a costa, como o mar que sempre volta para a costa.

Negra Harriot: Ninguém contou a minha história antes. É melhor você ouvir bem, garota. Ou eu vou ter que contá-la duas vezes!

Mary: Eu queria ficar quieta e calada e nunca ter que contá-la. Quando eu vivi tudo isso, do amanhecer até o sol se pôr...

Negra Harriot: Eu fui comprada na Costa da Guiné.

Constance: Imagine quanto ouro eles tomaram para dar nome a uma Costa.

Mary: Imagine quanto marfim...

Constance: Para chamar uma costa de Costa do Marfim...

Negra Harriot: Imagine quantos escravos...

Mary: Para chamar uma costa de Costa dos Escravos?

Constance: Na frente da moeda de ouro de Guiné, 22 quilates, há um elefante e um castelo, sob a efígie de um Rei com o rosto virado para a direita.

Macbean: “Elefante e Castelo”: nome muito popular para bares ingleses.

Negra Harriot: Eu fui criada na Costa da Guiné. Quando eu era garotinha, fui levada para São Cristóvão e vendida para o Grande Plantador Gordo. Quando eu era menina... Eu tive dois filhos. O pai deles era o Grande Plantador Gordo. Quando eu era menina.

Efeito sonoro: *Sons que sugeriram movimento de comércio na cidade.*

Negra Harriot: Ele nos trouxe para a Inglaterra, quando eu era moça, onde ele morreu de varíola. E nos deixou sem um tostão quando eu era moça... Não tinha como sobreviver.

Mary: Quando eu era moça...

Negra Harriot: Quando eu era moça, aprendi a ser prostituta. Aprendi a ler sozinha. Imaginei que uma prostituta educada ganharia mais dinheiro nas ruas de Londres. Setenta dos meus fregueses eram Membros da Câmara dos Lordes.

Mary: Quando eu era moça...

Acenedora: Depois do navio cruel, vieram os campos cruéis.

Mary: Eu trabalhava no campo. NÓS fizemos os campos; antes de nós, não existiam os campos. Nós furamos o solo daquela região selvagem e remota, fincando-se no limite daquela fronteira selvagem lenta, penosamente, avançando para frente e para trás. Nós cavávamos e plantávamos, cortávamos e queimávamos, levávamos e carregávamos.

Acenedora: Com enxadas, facas e machados, nós cortávamos e descascávamos (*estacato*) metodicamente, empurrando para frente o canavial. Nós suávamos, pingando sem parar.

Mary: Eu trabalhei no Terceiro Grupo, no Segundo e, por fim, no Primeiro Grupo. Meu trabalho era pesado... Meu e das outras mulheres. Eu movia a enxada rápido, rápido e no tempo certo, cantando para não morrer na cana-de-açúcar. Eu conseguia

ouvir os pássaros papa-açúcar cantando na plantação. Do amanhecer ao pôr do sol, desde as quatro da manhã, carregando nossas conchas.

Constance: Descascando a cana, cortando a cana, lamentando a cana. Chorando a cana.

Mary: O sol marcava a hora. Eu trabalhei no campo por muito tempo. Terceiro, Segundo, Primeiro Grupo. Eu trabalhei no canavial. Meu corpo nunca gerou um filho, eu era estéril. A criança que eu poderia ter tido murchou e morreu dentro de mim. Toda a doçura foi sugada dela. Trabalhei desde menina até a velhice. Até minhas mãos ficarem enrugadas, até meus dedos parecerem plantas trepadeiras, retorcidos e cruzando um no outro, como as raízes de árvores velhas. Eu trabalhei no campo a vida inteira.

Constance: Eu trabalhei dentro de casa.

Negra Harriot: Eu trabalhei na rua.

Acenedora: Eu trabalhei na cozinha.

Negra Harriot: Meus filhos, os filhos do “Homem da Casa Grande”, passaram a ser criados dos irmãos e das irmãs. O pai deles abusava de nós onde quer que nos encontrasse.

(As falas não podem ter intervalos.)

Mary: Nos campos.

Negra Harriot: Na casa.

Constance: No galpão.

Mary: No quarto dele, na cozinha. Ele anotava tudo isso em Latim. Cada uma que ele abusava, anotava em um livro velho.

Constance: Tup: duas vezes. Sup lect: na cama. Sup Terr: no chão. In Silva: na floresta. In Mag or in Parv: na casa grande ou na casa pequena. Illa habet menses: ela está naqueles dias.

Macbean: Um escravo foi apanhado por Port Royal chupando cana. Deu-lhe umas chicotadas razoáveis, colocou-o na salmoura, mandou Hector defecar em sua boca. Imediatamente colocou uma mordaca, com a boca ainda cheia, e obrigou a usá-la durante cinco ou seis horas.

Mary: Ele me procurava uma noite após a outra, uma manhã após a outra. Cada vez que ele ia embora levava um pedaço de mim. Eu tinha que ser tão silenciosa quanto a lua. (*confissão*) Uma noite, quando a lua se escondeu atrás da nuvem, (*orgulho*) eu bati nele. Eu bati nele e bati de novo. Na parte de

trás da cabeça, tão forte quanto eu pude. E enquanto isso, deixei escapar um berro. Não foi um grito.

Macbean: Código Negro: De acordo com a Lei Britânica, se qualquer escravo resistir ao seu mestre, ou ao dono, ou a outra pessoa a quem for subordinado, enquanto estiver sendo punido, caso morra recebendo tal correção, não será considerado crime. E o mestre, dono ou qualquer outra pessoa que esteja aplicando tal correção, deve ser liberto e absolvido de qualquer punição e acusação, como se tal acidente nunca tivesse ocorrido.

Mary: Ele me açoitou e depois me amarrou à ceceira e me deixou lá para morrer. Eu fui deixada ali, pendurada, durante três dias para ser vista, para quebrantar o espírito de qualquer ousado que precisasse se arrepender. E depois de três dias, eu fui retirada da árvore. Esperavam que eu tivesse morrido. Eu estava viva, por pouco! Ainda estava respirando um pouco. Eu estava tão abatida e açoitada que meu rosto, minhas costas e mãos estavam marcados. Eu estava feia, toda deformada, retorcida. Quando eu percebi que estava viva, sabia que tinha nascido de novo e que o Senhor tinha vindo para me salvar.

(Toda fala em tom profético e com muita fé.)

Constance: Levantai-vos e ides embora. Eis que se tem aproximado aquele que me trai. Vereis, em breve, o filho do homem assentado à direita do Poder e vindo sobre as nuvens do céu.

Todas: Amém!

Acenedora: Me levantei antes do amanhecer e fui dormir muito depois do anoitecer. Eu nunca tive um dia de folga. A dona da casa tentou me ensinar os preceitos da palavra de Deus. “Deves amar o teu próximo como a ti mesmo”. Mas eu era a escrava dela. Acho que nunca me viu como a sua próxima.

Negra Harriot: Ela nunca sequer me viu!

Acenedora: A não ser quando eu fazia algo que ela não gostava. Ela sempre me dizia que eu era preguiçosa.

Constance: Visível. Invisível. Ver. Não ser vista. Ouvir e não ser ouvida. Ser vista e não ser ouvida. *(tom profético)* Ser ou não ser, eis a questão.

Efeito sonoro: *Som de batidas de tambor.*

Negra Harriot: Quando eu saí do navio, passaram óleo de palma em mim para fazer brilhar minha pele empoeirada. Meu ânus estava tapado com um chumaço de algodão.

Mary: Para conseguir o melhor preço por mim.

Acendedora: Colocaram uma placa sobre a minha cabeça.

Macbean: Boa reprodutora!

Mary: Para conseguir o melhor preço por mim.

Efeito sonoro: *As mulheres começam a gritar. Estrondo. Coro de vozes gritando preços.*

Acendedora: Sem nenhum aviso, tudo se tornou um inferno com barulho e briga. E apareceram homens correndo em nossa direção querendo nos comprar, nos virando de modo grosseiro,

Mary: Correndo em nossa direção,

Negra harriot: Girando em torno de nós,

Constance: Rasgada, arrancada, puxada, empurrada, chutada, carimbada, marcada. Me deram um nome novo.

Mary: Mary MacDonald.

Constance: Constance.

Negra Harriot: Negra Harriot.

Mary: Mary MacDonald. Não se sabe ao certo o significado original do nome. Possivelmente, significa “ela é amarga” ou “ela queria um filho.”

Constance: Me deram o nome de Constance, para que eu me comportasse com constância. Eu teria essa virtude, como minhas irmãs: Fé, Paciência e Caridade. Para que em minha mente eu fosse sempre constante. Ficando ali em pé. Ao lado de, mas não vista por; na casa de, mas não ouvida por; na cama de, mas não amada por; para ser tocada por, mas não a amada de; para ser sempre e para sempre constante: confiável, vigorosa, mulherzinha negra!

Negra Harriot: (*gargalhada alta, após a gargalhada, respira e fala*) Eu tive alguns nomes antes deste. Meu nome é uma piada. Já houve uma Harriot branca, não eu. Eles me chamaram de Negra Harriot para que essa Harriot branca nunca precisasse ser chamada de Branca Harriot. E pudesse simplesmente ser: HARRIOT!

Constance: O velho nome alemão, que significa dono da casa!

Negra Harriot: (*risada sarcástica*) Negra Harriot.

Constance: Constance.

Mary: Mary MacDonald.

Negra harriot: Nós a chamamos de Acendedora de Lampiões.

Acendedora: Elas me chamam de Acendedora de Lampiões.

Anniwaa: (*simples*) Meu nome é Anniwaa.

Acendedora: Há coisas que eu, simplesmente, não posso deixar de lembrar.

Anniwaa: (*fazendo um lembrete*) Lembre que meu nome é Anniwaa.

Acendedora: Há coisas que eu gostaria de poder esquecer.

Anniwaa: (*advertindo*) Não esqueça que meu nome é Anniwaa.

Acendedora: Estas são as coisas que eu não consigo parar de lembrar, estas são as coisas que eu não consigo esquecer.

Mary: Eu conto minha história para lembrar.

Negra Harriot: Eu conto minha história para esquecer.

Constance: A história da Acendedora de Lampiões, contada por ela mesma.

Mary: Isso é escravidão.

Efeito sonoro: *Som de mar batendo nas pedras.*

Acenedora: Eu fui colocada na calçada do lado de fora da hospedaria em Avon, não faz tanto tempo. Meu rosto estava aos prantos.

Constance: Eu conto a história para poder dormir.

Negra Harriot: Eu conto a história para me manter acordada.

Constance: Eu conto a história para passá-la adiante.

Mary: Eu conto a história para ela cessar.

Efeito sonoro: *Som de mar cessando aos poucos.*

Acenedora: O que eu conto não é uma história, mas como eles me esconderam em um saco, como eu pensei que ia ser *morta* ou comida. Como eu vi o *forno de cobre fervendo*. Como eu *senti* o cheiro de sangue no galé. Como eu *ouvi* o choro de mulheres e crianças. Como eu cheguei (*anunciando*) ao fundo do poço. Encheram minha boca de arroz, para afogar meu pranto. (*desejando*) Como eu tive vontade de

pular do navio para o mar. (*lamento crescente*)
Eu nunca mais vi meu irmão. Eu nunca mais senti o cheiro do meu próprio país. Eu nunca mais ouvi a voz de minha mãe. Eu nunca deixei de ter vontade de pular do navio para o mar.

Negra Harriot: Depois daquela prisão flutuante, veio a prisão no campo. Depois da prisão no campo, veio a prisão na cozinha. Qualquer coisa que eu fizesse, ou dissesse, estava errado. Sempre errado!

Constance: O chicote era feito de couro de vaca trançado. Era capaz de arrancar o couro das costas dos cavalos ou deixar marcas num pedaço de tábua. Quando eu era açoitada por nada, nunca chorava, nem gritava. Ficava em silêncio, quase serena, (*orgulho*) eu não daria à madame a satisfação do meu vexame.

Acenedora: E um dia eu ouvi a dona da casa dizer, quando ela estava me ensinando o livro, “todas as coisas que quereis que os homens vos façam, façalhes também”. Pois esta é a lei dos profetas.

Constance: Quando me levaram do campo para a casa, eu pensei que tinha tirado a sorte grande. Mas a dona da casa era tão exigente quanto qualquer feitor do campo. A dona da casa ficava deitada

na cama até o meio-dia enquanto eu cuidava dos filhos dela. Os filhos dela falavam do meu jeito e andavam do meu jeito e me conhecem melhor do que a mãe deles. (*orgulho*) Aquelas crianças conhecem as minhas canções.

Canção de Ninar “*Thula Baba*”

*Thula thul, thula baba, thula sana,
Thul’u babuzo ficka, eku seni.*

Música: *Eu vou contar ao meu Senhor Daniel*

Como me trouxe aqui, Daniel

Este não é o meu lar, Daniel

Escorregue na rua, Daniel

Deslize pela rua, Daniel

Meu Senhor não salvou Daniel

Por que não todos nós, Daniel?

Mary: Eu trabalhei bastante na Jamaica.

Constance: Eu trabalhei bastante em Santa Lúcia.

Negra Harriot: Eu trabalhei bastante em São Cristóvão.

Constance: Tecendo, fiando e fazendo roupas.

Mary: Cavando a terra e plantando; cortando e queimando. Tinha que pegar a água nos poços e

bombas. Cargas pesadas e árduas, transportadas por quilômetros a fio.

Constance: Eu fui arrancada dos campos e treinada dentro de casa. Servindo vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana; para ela, para ele, para eles. Usada até os meus dezesseis anos e, depois, vendida novamente.

Macbean: Uma negra para o trabalho da plantação, ou bem capaz de se tornar a “Escrava” de dentro de casa, trabalhando durante alguns meses para uma família.

Constance: *(tom neutro)* E naquela casa, os plantadores me ofereceram a seus amigos para lhes fazer favores sexuais. Para os vizinhos, para os rapazes.

Macbean: Eu tenho uma negra que precisa ser exposta.

Constance: Eu sabia que a dona da casa não gostava nada disso... Quando o Homem Gordo fazia comigo. No dia seguinte, ela me castigava para me punir. Ao raiar do dia, eu estava quebrada. Ao fim do dia, eu estava quebrada. Essa história se repetia.

(Impor um tom para assutar.)

Acendedora: Essa história se repetia nos engenhos de açúcar,

Negra Harriot: Essa história se repetia nas plantações de fumo,

Acendedora: Essa é a história da Acendedora de Lampiões.

Mary: Contada por ELA mesma.

Constance: Fui tirada dos campos para trabalhar na casa. Eu aprendi a costurar, fiar, cozinhar no vapor, ferver bem quente... a esfregar, limpar, lustrar, deixar tudo novinho em folha. O homem pode ter você a qualquer hora que ele queira. Nheco nheco. (*cantando*) Ai bota aqui, ai bota aqui o seu pezinho. Nheco nheco. Mamãe. Mamãe. Mamãe. (*repudiando*) Imundo.

Música: *O homem rico vem lá de baixo*

Yo ho, yo ho

Eu acho que sei por quê

Yo ho, yo ho

Ele vem pegar a sua escrava

Yo ho, yo ho

A senhora finge que não vê

Yo ho, yo ho

Mary: Ela ficou de pé naquela calçada e foi vendida por oitenta libras. Ela foi vendida para a plantação. Nós a chamamos de Acendedora de Lampiões.

Acendedora: Eu imaginei ver o reflexo de uma luz na água, uma casa alta iluminada a me guiar para a costa.

Constance: Eu imaginei que um dia encontraria minha filha, uma garotinha, com cabelo escuro encaracolado.

Acendedora: Eu trouxe comigo a luz desde o dia que você a perdeu. Uma luz forte no mar escuro e profundo.

Constance: Eu trouxe comigo uma luz para os meus filhos, para as minhas filhas. Um dia, eu encontraria asas para voar e ir embora.

Acendedora: Eu trouxe comigo a luz para acender as lâmpadas. As lâmpadas no mar escuro e vasto.

Constance: Eu trouxe a lâmpada dentro de mim, e ela estava brilhando muito, lá no fundo.

Acendedora: Eu nunca me separei daquela chama constante. Nem mesmo quando eles partiram meu coração.

Constance: Eu a protegi do vento e da chuva; eu haveria de ver meus filhos mais uma vez.

Acenedora: Eles me chamam de Acenedora de Lampiões. *(som estereo esquerdo)* Eles me chamam de Acenedora de Lampiões. *(som estereo direito)*

Cena 06: Notícias da navegação

Macbean: Ainda mau tempo. Um escravo, ainda criança, foi enterrado. Motivo: disenteria. Um escravo, já adulto, também enterrado por causa da disenteria. Boletim do meio dia no Atlântico: ventos baixos. O navio Dorothy e o Windsor chegando em breve.

Acenedora: Os corpos dos escravos foram para o Atlântico, lar de tubarões. Os tubarões perseguem os navios negreiros, esperando os restos mortais dos escravos e as gaivotas carregavam as almas dos marujos mortos.

Macbean: A mão e o pé direito de um sobre a cabeça e o pé do outro. Assim estavam acorrentados: todos juntos. E não podem mexer nem a mão nem o pé. Da cabeça aos pés e dos pés à cabeça. Dois dias antes de atracar dava para sentir o cheiro do

navio negreiro. A podridão do sangue, das fezes, do vômito e dos corpos em decomposição, exalando a favor do vento. O cheiro da morte era levado pela água até o Porto.

Cena 07: Açúcar

Mary: A cana cortada era pesada e volumosa.

Constance: VINTE toneladas de cana para produzir UMA tonelada de açúcar.

Mary: No Parque Worthy, 89 de 133 escravos do campo eram mulheres.

Acenedora: Nós fazíamos o plantio, o corte, a queima, o transporte, o carregamento, a partilha e descascávamos.

Um dia, eu fujo daqui engatinhando pelos altos pés de cana de açúcar, tomando cuidado com as cobras. Eu alcanço a floresta, lá nas montanhas. E aí, soltam cães atrás de mim. E quando eles me pegam, me chicoteiam até que minhas costas ficam tão marcadas como um pé de cana cortado.

Macbean: O infrator é colocado de bruços no chão, com o traseiro à mostra. O feitor, com o seu longo chicote pesado aplica a correção sob o olhar do Senhor.

Acenedora: Minha história é a história do açúcar.

Constance: Levaram minha garotinha quando ela tinha três anos, com idade suficiente para se tornar minha alma gêmea... Para ficar atrás de mim o dia todo e fazendo uma centena de por quês. Eu nunca menti para ela. Eu nunca falo sobre ela. Eles a levaram e a venderam. Lembro quando ela estava na minha barriga, contando os meses...

Todas: *(em coro)* Um, dois, três.

Constance: E tentando imaginá-la, tentando pensar se ela seria uma menina.

Todas: *(em coro)* Quatro, cinco, seis.

Constance: Eu poderia fazer alguma coisa para deixar ela muito feia quando fosse mais velha...

Todas: *(em coro)* Nove, dez, onze

Constance: E aí eles não chegariam perto dela como no dia em que a venderam. Naquele dia, meu corpo tremeu e tremeu tanto que eu perdi a fala. Durante meses, eu não consegui falar uma palavra. Quantas luas atrás, quantos anos...

Todas: *(em coro)* Doze, treze, catorze, quinze.

Constance: Desde que vi meus filhos: meu garotinho, ainda bebê, minha garotinha esperta, cheia de perguntas, meu garotão cujos olhos mudaram na hora em que ele me viu levando uma surra? Quantas luas se passaram desde que eu vi meus filhos?

Acenedora: Eu fui a cozinheira durante muitos anos. Se eu cometesse qualquer erro, se eles achassem que eu não tinha feito algo direito... Ninguém me dizia nada. Tiravam minha roupa e me cortavam. Eu era chicoteada tantas vezes, que minhas costas ficavam tão acabadas, como se fossem apodrecer. Depois das chicotadas, eles lavavam minhas costas com água salgada, esfregavam com pano de chão e depois me mandavam direto pro trabalho.

Música: *Desça Moisés para a terra do Egito.*

Diga ao velho Faraó para deixar meu povo ir.

Música: *(Canção de ninar)*

Quietinha nenenzinha, não precisa mais chorar,

Mamãezinha vai cantar uma cantiga de ninar.

Constance: Logo cedo, o dirigente do campo vem atrás de mim. Ele vem atrás de mim porque ele quer

pegar ela. Ela não gosta de ir a lugar nenhum sem mim. Ela tem apenas três anos. Ela é uma garota que diz coisas que sempre me surpreendem. Outro dia ela me perguntou se vai ser homem ou mulher quando crescer. O dia já está quente. A mão dela segura em mim como se estivéssemos grudadas uma na outra. Eu aperto a mão dela. Sempre digo a ela que eu estou passando o meu amor – nosso aperto de mão especial. Ela aperta a minha mão também. Essa é a sua resposta. Ela adora fazer isso. Como o amor acontece sem palavras! Eu bem sei, quando eu subo a colina do canavial, passando pela horta, em direção à Casa Grande; eu sei, quando eu olho para o chão, querendo que o chão se abra e sugue nós duas. Eu sei, quando ando com a pequena mão dela segurando na minha. Nunca vou esquecer da sensação daquela mão, levemente pegajosa, quente, seus dedos pequenos. Não há nada como a sensação da mão de uma criança pequena segurando a sua. Você é a guia. Cheia de fé, de luz, de confiança. Às vezes, ela gosta de fechar os olhos para que eu a possa guiar. Às vezes ela gosta que eu conte a vida dela ao ler as linhas escuras da sua mão, as linhas da vida. Eu digo que ela vai crescer e vai ficar (*prolonga*) bem velhinha. (*como se fosse um comentário rápido*)

Ela tem um coração forte. E que vai ter cinco filhos.
Eu gosto de contar os filhos de minha filha. (*brincando
com os números*) Um, dois, três, quatro, cinco.

Cena 08: **Morte – finalmente livre**

Acendedora: Silêncio! Esta é a minha história, contada por mim mesma. Eu estou morta e viva. Eu sou procurada, viva ou morta.

Música: *Oh Canaã, doce Canaã*

Meu destino é a terra de Canaã.

Estou indo para a terra prometida.

Meu destino é a terra de Canaã.

Acendedora: E quando uma de nós morria por causa da cana de açúcar, por causa de framboésia ou disenteria ou calor... Quando uma de nós morria de lepra, tuberculose, pneumonia ou febre amarela, quando uma de nós morria porque não aguentava mais os campos de açúcar... Finalmente livre! Finalmente livre! Obrigada Deus Todo Poderoso, ela está finalmente livre!

Constance: Eu ando de mãos dadas com a minha garota, minha sementinha. “Traga-a para a Casa. Arrume-a bem bonitinha”. Talvez eu esteja errada e esse dia não seja o fim. Talvez eu desça de volta a colina de mãos dadas com a minha garota, minha sementinha. Sei que se eu tentar e correr, ou se eu tentar e fizer ela correr, nós duas seremos mortas. Ele está andando bem atrás de nós. Eu tento e apago da mente para que essa última caminhada seja só nossa. O que ela está vestindo? Que sorriso vai me dar hoje? Que perguntas? Não consigo me lembrar.

Eu me lembro que eu sorria o máximo que podia. Se ela lembrar de mim um dia, nos verá andando. Verá a cana-de-açúcar, a brisa, o aperto de mão especial. Enquanto eu percorro aquele caminho, tão devagar quanto possível com a mão dela na minha, tento e imagino qual seria a melhor morte: estando morta ou estando viva.

Ontem à noite, coloquei minha mão sobre a boca e o nariz dela. Podia ter sido fácil. Mas imagine se eu tiver errada? Imagine que eu vou descer de volta a colina de mãos dadas com a minha menina? O homem que está atrás de mim me empurra. (*imitando*) “Anda logo! Mexa-se!” Ele diz. Os olhos

dela são grandes como duas jabuticabas. Ela me pergunta para onde estamos indo. (*angústia*) O que eu digo a ela? Acho que eu invento alguma coisa. Eu não lembro que besteira eu invento na hora. De qualquer maneira, seja lá o que for que eu diga, ou que eu disse, ela... ela acredita em mim. Por que ela não acreditaria?

Cena 09: A fuga

(Som de passos, mato sendo cortado e batidas de tambor. Cachorros latem. Ouve-se um tiro de espingarda.)

Acenedora: Eu sou uma fugitiva. Eu fujo desde que era uma garotinha, desde que eu tinha onze, quase doze anos de idade. No início, eu só conseguia fugir nos meus sonhos. Então, na plantação, eu fui algemada e vigiada. Num dia, quando estava visitando outra plantação, eu estava sem algemas e os olhos deles não estavam me vigiando. Eu fugi. Para longe.

Macbean: Qualquer escravo que fugir para além do rio perderá uma orelha e será marcado no queixo com a letra F.

Mary: Para onde se pode fugir? Somente para os braços de Jesus.

Acendedora: Eu estou fugindo para minha mãe, ela está usando o torço amarelo na cabeça.

Anniwaa: Eu estou fugindo para ver minha mãe, hoje ela está usando o seu torço amarelo na cabeça.

Acendedora: Ela é a luz que me guia.

Anniwaa: Eu fujo desde que eu tinha onze, quase doze anos de idade.

Macbean: Qualquer um que conseguir trazer a mulher de volta, ou dar a informação de que ela está de volta, deverá receber uma bela recompensa.

Negra Harriot: Aonde a fugitiva pode se esconder, meu querido? Aonde a fugitiva pode se esconder? No meio de Londres, em Yorkshire? Nas margens de uma plantação Jamaicana? No mato ou nas montanhas, aonde a fugitiva pode se esconder, meu querido?

Macbean: Está decretado que o batismo não altera a condição da pessoa com relação a sua escravidão ou liberdade.

Acendedora: Eu já fugi cinco vezes. Quatro vezes eles me capturaram e me trouxeram de volta. Até mesmo as quarenta chicotadas nas minhas costas não me impediram de tentar fugir novamente, só para sentir aqueles poucos momentos de liberdade,

para experimentar o ar. Mas na quinta vez eu consegui! Esta é a história de como eu consegui escapar.

Constance: Nós chegamos à varanda. Eu quero me afundar no chão e sumir. Eu quero passar pela parede. Eu quero ser capaz de andar sobre a água. Eu quero acreditar em Deus. Por favor, Deus, se já houve, algum dia, Deus, um dia para eu acreditar em ti, faça esse dia ser hoje. Deus, se já houve um momento em que me desse um sinal de ti, dai um sinal para mim agora mesmo. Tudo isso acontece bem lentamente, e então, de repente, bem rápido, o Homem arranca de mim a minha garotinha, minha sementinha, coloca os dedos sujos dentro de sua boca, esfrega sua gengiva e seus dentes.

Macbean: Constance tem quarenta e cinco anos de idade, pele escura, bem feita de corpo, inteligente e com boas maneiras... era mãe de quinze filhos, quatro deles foram vendidos e levados para longe. Um continua em Petersburgo, os outros estão mortos. Quando um dos seus filhos foi vendido, ela sofreu tanto que perdeu a fala por um mês e, em consequência disso, tinha convulsões frequentes.

Constance: Minha luz se foi. Cada palavra que eu poderia dizer se foi. Em estado de choque. Estou

desmoronando. E continuo desmoronando. Minha garotinha tem três anos. Ela sempre terá três anos. Eu fico pensando se ela vai se lembrar de mim. Ou se ela vai me esquecer.

Acenedora: (*sussurrando*) Lembrar, esquecer. Esquecer, lembrar.

Macbean: Os vendavais estavam fortes, os vendavais estavam altos. De cada três, um africano não sobrevivia nos navios negreiros. De cada três, um africano não sobrevivia aos três primeiros anos naquele novo país.

Cena 10: Cidades britânicas

Acendedorora: Casas, bancos, prédios, negócios, carruagens, cavalos, calçamentos, vestidos. Durante a noite, a cidade cresceu. Pela manhã houve outra novidade.

Mary: Barzinho, Cafeteria, Banco, Mercado, Galeria de arte, alfândega, casa de empreendimento.

Macbean: A indústria de construção de navios. Navegação.

Constance: Pão de navio, biscoito de navio, demolição de navio, traficante de escravos, agente de navio, febre de navio, loja de navio, traficante de escravos, carga de navio, estivagem de navio, passageiro clandestino de navio, rato de navio, traficante de escravos, dias de navio.

Macbean: Navio: para colocar ou levar. Navio: para carregar um fardo. Não existe sequer um tijolo nesta cidade que não tenha sido cimentado com o sangue de um escravo.

Acenedora: Meu sangue.

Mary: Meu suor.

Constance: Minhas lágrimas.

Acenedora: No primeiro ano da

Constance: (*imediatamente*) Abre aspas

Acenedora: Liberdade

Constance: (*imediatamente*) Fecha aspas

Acenedora: Tráfico negreiro. Bristol sozinha enviou de navio 160.950 africanos para a plantação de açúcar.

Constance: (*cantando*) Bristol me pertence.

Macbean: O povo de Bristol depende do comércio das Índias Ocidentais e da África para sobreviver, pois emprega um grande número de pessoas em estaleiros e na fabricação de lã, ferro, cobre, estanho, latão, etc. Companheiros cidadãos de Bristol: não coloquem o machado na raiz de sua própria prosperidade ao apoiar a abolição da escravatura!

Efeito sonoro: *Barulho do cais.*

Acenedora: Eu fiquei ali na calçada do porto, no meio da chuva torrencial. Eu não acreditava que tudo isso estava acontecendo de novo. Eu fui trazida para a Inglaterra, vinda da plantação. Eu consegui fugir. Eu estava escondida no buraco de um telhado quando ouvi um tocador de sinos procurando por mim.

Efeito sonoro: *Sinos tocando.*

Macbean: Recompensa em guiné pela garota negra!

Acenedora: Eles me acharam. E eu fui mandada de volta para as plantações. Eu me lembro o que estava acontecendo dentro de minha cabeça enquanto eu fiquei naquela calçada. Eu sabia exatamente para onde eu estava voltando. Eu me lembro de ficar ali como se eu tivesse parado o tempo.

Constance: Eu lembro.

Todas: Tráfico da Índia Ocidental! Tráfico da Índia Oriental! Tráfico do mar Báltico!

Constance: O dinheiro faz o mundo girar.

Negra Harriot: Eu lembro de uma vez ter ouvido o Manda Chuva dizer: “Eu preferia ter meu dinheiro enterrado comigo do que dá-lo ao escravo.”

Mary: E ai de mim! Eu estou cansada, cansada.

Constance: O dinheiro põe o mundo em movimento.

Mary: Eu fui vendida em leilão por dinheiro. Eu era um jeito fácil de ganhar dinheiro.

Constance: Meus filhos foram vendidos por dinheiro.

Mary: O Homem Grande ganhou (*ênfase*) milhões às minhas custas!

Constance: Guinéu, xelim, pêni, florim. Moeda, prata, cobre, tostão, um dólar, cinco libras, dez libras, insignificante. Cobre, soberano, níquel, coroa, libra, xelim, um centavo, libra.

Mary: Barriga grande ganhou rios de dinheiro às minhas custas.

Negra Harriot: Os navios dele voltaram para casa.

Mary: Barriga Grande ria por todo o caminho para o banco.

Negra Harriot: Os navios dele voltaram para casa.

Mary: Manda Chuva ganhou muito dinheiro.

Constance: Eu cortei a cana.

Mary: Caragorda faz uma fortuna.

Todas: E ai de mim, estou cansada, cansada.

Negra Harriot: Os navios dele voltaram para casa.

Mary: Não há sequer um tijolo nesta cidade

Constance: É um, é dois, é três. Derruba a casa!

Negra Harriot: Bristol, Londres, Liverpool, Glasgow.

Mary: Não há sequer um tijolo nesta cidade.

Acenedora: Que não tenha sido cimentado com o sangue de um escravo.

Constance: (*cantando*) Bristol me pertence.

Macbean: Eu coloco todos eles com correntes presas às pernas; e se isso não for o bastante... Bom, então eu os almejo; e se algemá-los for pouco, eu coloco uma coleira em torno do pescoço deles, com uma corrente trancada por um anel parafusado no convés; se uma corrente não adiantar, eu coloco duas, e se duas não adiantarem, três. Você pode confiar em mim para isso. Não é crueldade, é algo inevitável. Não há comércio sem eles.

Acenedora: 22 de maio de 1731, o navio negreiro Neptune do porto de Glasgow, ancorou em Carlisle Bay, Barbados. Havia 144 escravos africanos a bordo

que foram algemados por aproximadamente um ano com correntes presas às pernas.

Acendedora: E aí de mim! Eu estou cansada, cansada.

Negra Harriot: Minha cabeça está em Liverpool, entre os elefantes no prédio da Alfândega, feito de tijolos vermelhos.

Acendedora: Algumas histórias não têm um nome para a voz que as conta. Eu construí essas casas tijolo por tijolo. O mercado de Fumo, o salão de negócios, a Galeria de Arte Moderna, a Casa de Empreendimento.

Negra Harriot: Londres, Liverpool, Bristol, Manchester, Glasgow pertecem a mim!

Constance: William Cowper,

Negra Harriot: O poeta

Mary: escreveu

Constance: Tenho muita pena deles,

Negra Harriot: Significando eu

Constance: Tenho muita pena deles, mas eu tenho que FICAR CALADA, porque senão, como poderíamos viver sem açúcar e rum?

Macbean: Instruções mandadas pela empresa de Bristol de Isaac Hobhouse: “Deixe os seus escravos serem presos, bem apertados na parte alta da proa e na parte de trás. E então, mantenha-os algemados e com as mãos parafusadas. Nós esperamos que isso garanta a você uma boa quantidade de negros prontos para serem colocados a bordo. Esforce-se para adquirir cem meninos e meninas de 10 a 14 anos de idade. Observe que os Meninos e as Meninas que você comprar sejam bem negros e bonitos.”

Constance: Desembarquei em Barbados, trazida pela Companhia Real da África. Eu era criança ainda. Uma de cada seis eram crianças.

Anniwaa: Algum dia, eu já fui uma garota. Eu me pergunto se ainda sou uma garota. Talvez, não seja mais uma garota. Talvez eu tenha me transformado numa mulher pequena, sem a minha mãe.

Mary: Mal consigo me lembrar da garota que eu já fui ou se, algum dia, já fui mesmo uma garota.

Anniwaa: (*fantasmagórica*) Sou apenas o fantasma daquela criança do passado.

Mary: Desembarquei na Jamaica, na década de 1720. Eu era criança. Eles me chamaram de Mary MacDonald.

Macbean: Em 1770, na Ilha da Jamaica, cheia de escravos havia cem pessoas negras chamadas MacDonalld. Um quarto das pessoas da ilha eram escocesas.

Negra Harriot: Minha filha tem sangue escocês. A Escócia tem o meu sangue.

Macbean: Havia um clã na Jamaica, os Campbells, de no mínimo cem pessoas. Concentrado na parte oeste, em lugares com nomes como Cidade de Campbell, Argyle e Glen Islay.

Acenedora: Minha história é a história da Grã-Bretanha, do Reino Unido, do Império Britânico.

Negra Harriot: Em 1756, em Liverpool, houve um leilão no Café dos Comerciantes: 83 pares de correntes, 11 coleiras para escravos, 22 pares de alge-mas, 4 correntes longas, 34 argolas para prender as correntes e 2 correntes de viagem.

Constance: Em Londres, uma mordação de ferro com focinheira fabricada especialmente para os africanos usarem, foi colocada à venda por ferreiros.

Acenedora: Acorrentados de dois em dois, a perna direita com a perna esquerda, a mão direita com a mão esquerda, cada africano tinha menos espaço do que um homem no caixão.

Cena 11: Notícias da navegação

Macbean: (*lentamente*) Um escravo, já adulto, enterrado. Número 84. Um escravo, ainda criança, enterrado. Número 47. Uma escrava, ainda criança, enterrada. Número 126. Finalmente, para o mar. Deslocando-se com estabilidade. E o mar vai enchendo. Um ciclone virando a Noroeste. Depois, um forte temporal, escala 9. Espera-se um novo vento forte para amanhã, na mesma hora.

Acenedora: Para amanhã, na mesma hora.

Macbean: (*desanimado*) Naquela noite só aparecia metade da lua, na noite em que os escravos chegaram nas Américas. Os escravos foram lustrados e vendidos. Quando os navios descarregaram os escravos, os compartimentos foram recarregados com açúcar, fumo, rum, tudo indo para Londres, Liverpool, Glasgow. O tempo estava estranho. Moderado,

não estava bom. A neblina densa, assim como uma cortina. Visibilidade fraca. Em Shannon, em Rockall, a Oeste ou a Noroeste, voltando para o Sudoeste, na escala de 6 a 8. Ocasionalmente, o vento muito alto a oeste e só.

Acenedora: Ficando ainda mais violento. Violento. Violento ou muito violento. Ficando muito violento. Violento, muito violento. Ficando muito violento.

Macbean: *(como se fosse um jornalista)* E esse é o fim da previsão do tempo.

Cena 12: Resistência

Constance: 14 de agosto de 1791. Durante um ritual de vodu em São Domingos, uma mulher é possuída pelo espírito de Ogum, o espírito guerreiro. Ela sacrifica um porco preto e, falando com a voz de Ogum, nomeia aqueles que devem liderar o chamado para a resistência.

Efeito sonoro: *Mulheres sussurrando em outra língua, barulho de chocalhos e atabaques.*

Macbean: Descobriram hoje que os escravos estavam tramando uma conspiração. Punição: castração ou corte da metade do pé com um machado.

Constance: De boca em boca, rápido, vai passando uma ideia (*estacato*) impossível de reprimir.

Acenedora: Eu posso anotar isso! Eu vou anotar e passar pra frente. Esta é uma carta minha para os meus ancestrais.

Constance: Esta é a história da Acendedora de Lampiões.

Acenedora: Primeiro, eles não iam me deixar publicar. Eles tentaram censurar. Finalmente, eu consegui.

Macbean: Glasgow, 1792. 13.000 moradores colocaram seus nomes em uma petição criada por um movimento não conformista para abolir a escravidão. O movimento para acabar com a escravidão no Império Britânico, no século dezoito, é provavelmente a primeira campanha de direitos humanos na história.

Negra Harriot: 2 de abril de 1792.

Acenedora: O político Pitt na Câmara.

Macbean: Podemos considerar agora que esse tráfico recebeu a sua condenação.

Constance: Condenação.

Macbean: Que a sua sentença está selada.

Mary: Selada!

Macbean: Que esta maldição da humanidade é vista pela Câmara do modo como ela é.

Acenedora: Como ela é.

Macbean: E que o maior estigma que já existiu em nossa honra nacional está prestes a

Negra harriot: Terminar.

Macbean: E, senhor, eu acredito que agora, provavelmente, vamos nos libertar do maior mal que já afligiu.

Negra Harriot: A humanidade.

Macbean: A mais severa e maior calamidade já registrada na história do mundo!

Acendedora: Abolição imediata e não aos poucos!

Negra Harriot: Veja o fogo se espalhar!

Constance: Uma rebelião podia começar no norte da ilha e avançar para o sul, em questão de segundos, minutos. O estopim dessa ideia se espalhando mais rápido do que mato.

Efeito sonoro: *Batidas de tambor.*

Negra Harriot: Veríamos fogo nas outras plantações e aquele era o nosso sinal!

Mary: A rebelião de Granada.

Negra Harriot: E a rebelião de São Vicente.

Constance: A rebelião de Tacky, na Jamaica.

Mary: A rebelião da Providência Divina.

Macbean: Não somos todos homens e irmãos?

Acenedora: Não somos todas mulheres e imãs?

Macbean: 1º de janeiro de 1804. São Domingos consegue fazer a única rebelião de escravos bem sucedida da história mundial e se torna a República do Haiti. O Haiti, para receber o reconhecimento diplomático da Grã-Bretanha, deve concordar em pagar uma compensação de 150 milhões de francos em ouro para a França pela perda de seus “bens”, incluindo os escravos.

Acenedora: As escolas foram fechadas. Sem educação. (*cruel*) Sem liberdade.

Macbean: O Haiti levou cem anos para pagar o “débito da liberdade”.

Constance: Uma rebelião de escravos após a outra.

Mary: Rebelião de Boni, Suriname.

Constance: Revolta de New River, Belize. Rebelião de Fedons, Granada.

Negra Harriot: Chegando... Mais perto.

Macbean: Em 25 de março, ao meio-dia, o projeto de lei para a abolição do tráfico negreiro pelos britânicos foi transformado em lei por George III.

Negra Harriot: O que aconteceu?

Mary: O que mudou?

Acenedora: Mais navios negreiros navegaram pelo mar cheio de tubarões.

Constance: Mais espancamentos para você, para mim.

Efeitos sonoros: *Barulho de aplausos e comemorações. Som de tambores.*

Negra Harriot: A rebelião da Páscoa, Barbados. A Segunda Guerra dos Quilombos, Jamaica.

Mary: A Rebelião Cuffy, Berbice. A Rebelião Tula, Curaçao.

Constance: Já chegando.

Negra Harriot: As rebeliões de Demerara. A Revolta de Natal, Antígua. A insurreição de São Cristóvão.

Macbean: *(solene)* Que se cumpra a vontade do rei, sua real majestade, que não será permitido a nenhum negro ou outro escravo qualquer ir embora ou afastar-se do terreno do seu dono sem o devido certificado desse dono, de sua senhora ou do feitor. E cada negro ou escravo rebelde deve ser enviado ao

guarda mais próximo, que tem o poder de dar vinte chicotadas bem dadas nas costas nuas do negro.

Constance: A revolta de Pumpey, Bahamas. A Insurreição da Baía de Curlândia, Tobago. A revolução do Ano Novo, Dominica.

Mary: Uma ilha após a outra.

Negra Harriot: Que vá em frente!

Constance: Já chegando mais perto.

Negra Harriot: Uma faísca vinda de uma pequena ilha pode facilmente aterrissar em outra. Tragam para fora as conchas e as cornetas!

Macbean: Não somos todos homens e irmãos?

Acenedora: Não somos todas mulheres e irmãs?

Mary: Por fim, quase morrendo de cansada, no final do dia, estava exausta demais para fugir. Mas o Senhor estava ao meu lado. Amém!

Negra Harriot: Eu tinha minha própria força de espírito. Nunca ia deixar que eles me dobrassem.

Anniwaa: De repente, alguns homens chegam e levam a gente.

Acendedorora: Eu fui raptada.

Mary: Em nome do pai, do Filho e do Espírito Santo.

Constance: (*peso na voz*) Meus filhos foram raptados.

Acendedorora: Não somos todas mulheres e irmãs?

Mary: Não somos todas mulheres e irmãs?

Negra harriot: Abolição imediata, não aos poucos!

Acendedorora: Eu preferia morrer na forca do que viver na escravidão.

Mary: A revolta jamaicana do Natal foi organizada por Sam Sharpe.

Macbean: A revolta começou em São Tiago e espalhou-se por toda a ilha. Durou oito dias.

Efeito sonoro: *Carnaval pegando fogo.*

Macbean: Na sexta-feira, dia 26 de julho de 1833, o Projeto de Lei da Abolição da Escravatura passa pela segunda preleção na Câmara dos Comuns, depois de chegarem a um acordo para compensarem generosamente os donos de escravos. “Graças a Deus”, diz William Wilbforce, “que eu vivi para testemunhar os dias em que a Inglaterra está disposta a pagar vinte milhões de libras esterlinas para a abolição da escravatura!”

Acenedora: Numa noite abafada, anterior a 1º de agosto de 1838, na Igreja Batista em Falmouth, Jamaica, penduraram flores nas paredes. No caixão estava escrito: A Escravidão Colonial morreu em 31 de julho de 1838. Encheram o caixão de símbolos da escravidão britânica: correntes, colares, chicotes.

Cena 13:

Liberdade

Acendedora: *(como se fosse uma apresentadora)*
Esta é a história da Acendedora de Lampiões. Um dia, finalmente consegui contar a minha história. Eu a escrevi. Ela foi impressa e reimpressa e contada e recontada, mais uma vez.

Mary: *(vendo toda a cena)* No final daquele dia tão longo, encontrei um homem livre que me amou, mesmo com o corpo cheio de cicatrizes. Ele me beijou suavemente e colocou as minhas mãos ásperas no seu rosto. A voz dele era forte, melodiosa. Ele tentou comprar a minha liberdade, mas o Homem Gordo não me deixaria ir.

Negra Harriot: Meus filhos eram os filhos dele. Eu sempre conseguia ver os olhos dele nos olhos deles. Eu não sei para onde eles foram, o que aconteceu com eles. Eles passaram pelas mesmas coisas

que eu passei. Nunca conheci minha mãe. Mas eu consegui sobreviver. A vida é dura!

Constance: Meus filhos estão espalhados. Talvez mortos, talvez vivos. Imagino se algum dia eu ainda verei meu garoto esperto, minha sementinha, se algum dia eles virão para tentar me encontrar.

Acenedora: E um dia os anos pesaram nas minhas costas. Eu me virei e lá estavam eles: todos aqueles anos.

Anniwaa: Lá estava eu.

Acenedora: Aqueles anos, olhando de frente para mim. O cabelo dela estava trançado com uma linha. Ela desceu da árvore e está usando o turbante amarelo da mãe dela. Os braços dela sobre os quadris.

Negra Harriot: Os olhos firmes,

Mary: A boca aberta,

Constance: As palavras prontas,

Anniwaa: Para serem ditas.

Negra Harriot: Este não é o fim.

Acenedora: Só quando eu me virei e olhei de frente para ela, ali de pé, daquele jeito, é que eu consegui começar a contar esta história.

Anniwaa: Sou uma menina. Estou no escuro. Não sei por quanto tempo eles têm me deixado no escuro. Acima de mim tem uma pequena fresta de luz. Da última vez que contei, eu tinha onze, quase doze anos.

Constance: Finalmente eu consegui minha liberdade. Eu tive que trabalhar duro para comprar minha cabana, tive que pagar a eles para poder trabalhar por minha conta! Eu me tornei a tia querida de todas as crianças. Todas as crianças são meus netos. Às vezes eu conto histórias para eles. Às vezes eu sento e fico quieta. Fico só ouvindo de onde a brisa vem.

Mary: Sabe de uma coisa engraçada? O Homem Gordo está morto. A Dona da casa morta. O feitor está morto. O capataz bateu as botas no outono passado. E eu, Mary, que quase não comia e fui espancada quase até a morte, eu sobrevivi. Confie em Jesus! Eu sobrevivi a todos eles.

Acenedora: Ninguém contou minha história antes.

Anniwaa: Não sei por quanto tempo eles me deixarão no escuro.

Todas: Shhhhhhhhhhhhhhhhh.

Macbean: Ela nunca disse uma palavra.

Acendedora: Esta é a minha história.

Anniwaa: Eu sou uma garota.

Constance: Um dia eu gostaria de contar aos meus netos. Se eu pudesse encontrá-los... Eu contaria para eles.

Mary: Isso tudo aconteceu comigo, o Senhor sabe que é verdade.

Negra Harriot: Esta é, com certeza, a minha história!

Anniwaa: Era uma vez uma menina, que morava em uma casa com o telhado em forma de cone, na grande aldeia. A menina era eu. Minha mãe plantava quiabo e abóbora no quintal. Meu pai esculpia madeiras e metais.

Ficha Técnica:

A acendedora de lampiões

Adaptação

*Sílvia Maria Guerra Anastácio, Luciano Jocy Teixeira de Araújo,
Anna Carolina de Alencar, Raquel Borges Dias, Tássio Barreto Braga*

Direção de atores

Anna Carolina de Alencar, Lucila Vieira

Tradução

*Carla Cristiane Cruz Souza, Luana Lise Carmo da Solidade,
Raquel Borges Dias*

Revisão da tradução

Sílvia Maria Guerra Anastácio, Susie Santos

Revisão final

Raquel Borges Dias, Isadora Dimitria Herrera Nunes

Técnicos de gravação

*Flávio Azevêdo Ferrari, Luciano Jocy Teixeira de Araújo,
Mario Fausto de Oliveira Neto, Tássio Barreto Braga*

Gravação no Estúdio PRO.SOM, Instituto de Letras
da Universidade Federal da Bahia.

Direção de áudio

Luciano Jocy Teixeira de Araújo

Edição final do áudio

André Tiganá, Sílvia Maria Guerra Anastácio

Atores

*Ana Mariano, Caroline Cachos, Daniel Calibam, Mariana Borges,
Monique Meirelles, Pamela Wort*

Cantores

*Flora Vaquer Cunha, Lorena Barreto dos Anjos,
Luciano Jocy Teixeira de Araújo, Pamela Wort, Gregory Baratoux*

Compositores das músicas

Flora Vaquer, Luciano Jocy Teixeira de Araújo, Pamela Wort

Edição das músicas

Luciano Jocy Teixeira de Araújo

Vinheta

Luciano Bahia

Versão em MECDaisy

Raquel Borges Dias

COLOFÃO

Formato	<i>14 x 21 cm</i>
Tipologia	<i>Georgia 12/18</i>
Papel	<i>Reciclato 75 g/m² (miolo) Cartão Supremo 250 g/m² (capa)</i>
Impressão	<i>EDUFBA</i>
Capa e Acabamento	<i>Gráfica Cian</i>
Tiragem	<i>400 exemplares</i>

Desenbahia 
Agência de Fomento do
Estado da Bahia S.A.

